

EDITORIAL

Pregar no deserto

Roger E. Olson, teólogo e professor na Baylor University (Waco, Texas) e ex-presidente da American Theological Society (Midwest Division), questiona se ainda há lugar para a Teologia na actualidade. A pergunta vem na sequência de toda uma vida académica dedicada à investigação e ensino ao fim da qual começa a concluir que, afinal, os teólogos andam a pregar no deserto.

Mas deixemos Olson explicar o que entende por teologia:

“Refiro-me à busca relativamente formal e intelectual da verdade sobre Deus (e coisas relacionadas com Deus) com base na revelação, usando a tradição, a razão e a experiência. Os teólogos são homens e mulheres treinados para realizar essa busca e (normalmente) ensinar visões da verdade assim alcançadas, usando essas fontes e normas, especialmente para os cristãos, mas também para consumo e compreensão públicos. Eles / nós fazemos isso de várias maneiras - pregando (geralmente quando convidados), falando, escrevendo e publicando, lendo artigos académicos em reuniões e simpósios da sociedade profissional, etc.” (trad. nossa)¹

A reflexão de Olson parte de há vinte anos, por volta do ano 2000, quando o seu colega Stanley J. Grenz lhe manifestava dúvidas sobre se a teologia ainda importava, pois sentia naquela altura que o tempo da teologia se tinha esgotado e a fé cristã estava a entrar numa fase pós-teológica.

Na tentativa de compreender a mudança de paradigma, Olson começa por rejeitar como causa aquilo a que chama *religião popular americana*, e que Nathan Hatch denominou *democratização do Cristianismo*, quando “o chapéu de

¹ <https://www.patheos.com/blogs/rogereolson/2020/10/does-theology-even-matter-anymore/?fbclid=IwAR21yQUeqiVJ4kw9BtrTtSeTB6yyeu7aFpUjtmHy9CZzJ5R7F067J-LEmo> (acedido em 15 de Junho de 2021).

cada um é sua própria igreja”, uma espécie de populismo que se tornou progressivamente relevante no campo religioso. E nota que o tempo em que a palavra dos teólogos era importante para os cristãos, e muito especialmente para as lideranças religiosas, terá passado à história.

Mas a reflexão de Olson acaba por encontrar a causa desta situação no falhanço dos próprios teólogos, que caíram na armadilha de falar apenas para os seus pares, no mundo fechado da teologia numa espécie de debate interminável e não para a vida do cidadão comum.

Por outro lado, durante anos a revista *Time* publicava na capa teólogos notáveis como Karl Barth, Reinhold Niebuhr e Paul Tillich, até que em 1966 fez uma capa a perguntar se Deus estava morto. Olson sugere que, ao deduzir a morte de Deus talvez se entendesse que a teologia estaria igualmente morta e desde então deixou de haver lugar para teólogos naquele espaço. Talvez Olson tenha razão e este facto revele mais sobre a incapacidade dos teólogos se fazerem ouvir na sociedade em vez de se remeterem a discussões metafísicas que não tocam os dramas da condição humana nem as perturbações da sociedade.

Afinal, que importa uma teologia sistemática muito profunda ou uma dogmática extremamente elaborada se isso não se traduzir em referências inteligíveis e objectivas na vida prática das pessoas e das sociedades, se não tiver em conta a diversidade do mundo em que vivemos e se não tiver a humildade de dialogar com outras tradições religiosas no sentido de as conhecer e tomar consciência de tudo o que apresentam de positivo e construtivo? Que importa a teologia se se restringir apenas a aprofundar um *corpus teológico* duma dada tradição cristã ou duma confissão histórica se não se abrirem janelas de diálogo com outras igualmente legítimas e relevantes?

Pode até parecer que os teólogos pregam no deserto dum mundo religioso tendencialmente populista, mas se eles forem capazes de falar tanto às lideranças religiosas como ao cidadão comum serão ouvidos.

Neste número da AD AETERNUM, que tem como tema geral “Cristo e o Cristianismo”, o eminente teólogo Armindo dos Santos Vaz revisita o tronco comum dos monoteísmos, sublinhando as suas especificidades, relações e semelhanças.

O professor Marlon Fluck apresenta-nos um interessante texto sobre a Bíblia da Missão de Tranquebar, Índia (1706-1765), a partir da pesquisa que empreendeu no Arquivo da Fundação de Francke (Halle, Alemanha) em Dezembro de 2012, quando descobriu que os missionários em Tranquebar desempenharam um papel destacado na conclusão da tradução da Bíblia em língua portuguesa, bem como na revisão e publicação da Bíblia completa na Índia. Um precioso contributo para a história das Escrituras na língua de Camões.

Maria Eugénia Magalhães traz-nos um texto com base no tratado espiritual *Céu na Terra*, de Isabel da Trindade, que “projeta a medula de uma experiência mística, carregada de uma semântica cognitiva, que brota da sua imersão no abismo do amor de Deus e que toca o insondável, desafia o pensamento e ceva a ação.”

Filipe Francisco discorre sobre o sacrifício enquanto caminho para o ministério profético “não apenas pelas memórias do passado que o sacrifício evoca, mas pela missão profética que ele desperta, ou seja, para o chamado e vocação cristã a um compromisso com o indivíduo, sociedade e com o mundo.”

O bispo António Couto debruça-se sobre uma introdução interactiva do Livro de Isaías abordando as mudanças de cenário histórico, bem como os diferentes ritmos literários e as acentuadas distinções no mapa teológico.

Fabrizio Veliq apresenta as linhas gerais sobre a relação estabelecida por Joseph Ratzinger entre o Jesus Cristo da fé e aquilo que ele denomina como Jesus Real, segundo sua obra *Jesus de Nazaré*. Tal relação é inserida dentro da

conhecida da Third Quest sobre o Jesus histórico, através do diálogo que desenvolvido com o rabino Jacob Neusner.

Vitor Rosa fala sobre uma corrente maçónica de misticismo judaico-cristão surgida no século XVIII, denominada Martinismo e fundada sobre os ensinamentos de Martinèz de Pasqually, de Louis-Claude de Saint-Martin e de outros precursores.

Daniel Mineiro reflecte sobre a espiritualidade digital inspirado em Maurizio Ferraris que falou de uma teoria pentecostal para se referir à sociedade industrial.

Flávio Schmitt, Pablo Rangel Cardoso da Costa Souza & Fernando Batista de Campos desenvolvem uma análise histórica e teológica do eixo norteador na adoração pública, sublinhando a existência de uma tríade relacional - louvor, ensino e oferta - no culto cristão.

Gesiel Pereira aborda a origem do movimento pentecostal no Brasil concentrando-se em especial no crescimento notório e na significativa implantação das Assembleias de Deus entre 1910 e 1950.

Apresentamos ainda uma secção de recensões críticas onde se podem ler análises sobre duas obras recentemente publicadas: *Populismo religioso e secularização* (Portugal) e *Teologia no Século 21: Novos Contextos e Fronteiras* (Brasil).

A revista respeita tanto a grafia adoptada por cada um dos autores que escreveu na língua portuguesa, anterior ou posterior ao AO/90, assim como os textos vertidos na forma europeia ou do Brasil.

José Brissos-Lino